

INSTITUTO WALDEN4

Diálogos em Análise do Comportamento

VOLUME II

Luziane de Fátima Kirchner
Pablo Cardoso de Souza
Priscila Ferreira de Carvalho Kanamota
(Organizadores)

Diálogos em Análise do Comportamento

Volume II

Luziane de Fátima Kirchner

Pablo Cardoso de Souza

Priscila Ferreira de Carvalho Kanamota

(Organizadores)



Instituto Walden4

2021

www.walden4.com.br

ISBN: 978-65-993434-2-1



9 786599 343421

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diálogos em análise do comportamento : volume II
[livro eletrônico] / Luziane de Fátima Kirchner,
Pablo Cardoso de Souza, Priscila Ferreira de
Carvalho Kanamota (organizadores). -- 1. ed. --
Brasília : Instituto Walden4, 2021.
PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia
ISBN 978-65-993434-2-1

1. Análise comportamental 2. Behaviorismo
(Psicologia) 3. Comportamento - Análise
4. Comportamento (Psicologia) 5. Psicologia
comportamental I. Kirchner, Luziane de Fátima.
II. Souza, Pablo Cardoso de. III. Kanamota, Priscila
Ferreira de Carvalho.

21-64268

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Comportamento humano : Análise : Psicologia 150

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Colaboradores

André Augusto Borges Varella

Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Alessandra Turini Bolsoni-Silva

Universidade Estadual Paulista (Bauru/SP)

Bruna Cobalchini

Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Carlos Magno Corrêa de Souza

Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Daniel Santos Braga

Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Dauã Luiz de Costa Della corte

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Corumbá/MS)

Fernando Andrés Polanco

Universidad Nacional de San Luis/CONICET (San Luis/ Argentina)

Franciele Ariene Lopes Santana

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Corumbá/MS)

Gabriel Herinque Nunes Franco

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Corumbá/MS)

Izabela Decknes Corrêa

Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Jéssica Cassiano Lopo Vital

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Corumbá/MS)

João H. de Almeida

Universidade Estadual de Londrina (Londrina/PR)

Josiane Sueli Beria

Universidad Nacional de San Luis/CONICET (San Luis/Argentina)

Lucas Ferraz Córdova

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande/MS)

Luziane de Fátima Kirchner
Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Marcos Vinícios Pereira da Cruz
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Corumbá/MS)

Mayane Marques Andreu
Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Pablo Cardoso de Souza
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Corumbá/MS)

Pietra Garcia de Oliveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande/MS)

Priscila Ferreira de Carvalho Kanamota
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Paranaíba/MS)

Priscila Sampaio Espíndola
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Campo Grande/MS)

Rayni Paes Niemies
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Corumbá/MS)

Rodrigo Lopes Miranda
Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Táhcita M. Mizael
Universidade de São Paulo (São Paulo/SP)

Thaize de Souza Reis
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande/MS)

Thiago dos Santos Ferraz
Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Vitória Ramos Marianno
Universidade Católica Dom Bosco (Campo Grande/MS)

Consultores Ad Hoc

Ana Carmen Oliveira

Ana Paula Araújo Fonseca

César Antonio Alves da Rocha

Cristiane Alves Fonseca

Dhayana Inthamoussu Veiga

João Lucas Bernardy

Juliano Setsuo Violin Kanamota

Livia Godinho Aureliano

Luziane de Fátima Kirchner

Marcelo Borges Henriques

Marina Fenner

Pablo Cardoso de Souza

Priscila Ferreira de Carvalho Kanamota

Thaize de Souza Reis

Vanessa Ayres Pereira

Vinícius Santos Ferreira

CAPÍTULO 11. HISTÓRIA DO BEHAVIORISMO: O QUE SABEMOS ATÉ HOJE?

Fernando Andrés Polanco¹

Josiane Sueli Beria²

Rodrigo Lopes Miranda³

Contemporaneamente, as propostas behavioristas figuram junto às abordagens cognitivistas e neurocientíficas acerca da compreensão científica dos seres humanos (Ardila, 2002; Macbeth, Cortada de Kohan, Razumiejczyk & López Alonso, 2006). Isso, inclusive, tem permitido um crescente interesse pela história de tais disciplinas, em diferentes locais do mundo (e.g., Amouroux, 2017; Flores & Mateos, 2019; Garcia, 2015; Miranda, Massimi, Hoffmann & Cirino, 2019; Polanco, 2016; Polanco, Beria, Klappenbach & Ardila, 2020; Polanco & Miranda, 2014).

Em uma revisão bibliográfica geral, podemos dizer que o behaviorismo foi historicizado por três principais modos de abordagem histórica. A primeira refere-se ao behaviorismo como um sistema psicológico e surgiu nos Estados Unidos da América (EUA), na segunda década do século XX. A segunda é a abordagem do comportamento como história dos objetos psicológicos e se assemelha a uma história das ideias ou à história social do conhecimento que, em Psicologia, remonta às décadas de 1980 e 1990. Finalmente, a terceira abordagem trata das histórias sócio-institucionais e das recepções ou circulação do conhecimento behaviorista ou comportamental, em diferentes países.

No presente capítulo, abordaremos esses conhecimentos históricos de uma maneira cronológica, integrando os acontecimentos às ideias dos pesquisadores e das instituições que fizeram parte central da concepção de uma Psicologia como o estudo do comportamento.

¹Universidad Nacional de San Luis/CONICET, San Luis, Argentina

²Universidad Nacional de San Luis/CONICET, San Luis, Argentina

³Universidade Católica Dom Bosco, Mato Grosso do Sul, Brasil

A que nos referimos quando falamos sobre comportamento?

O termo comportamento, apesar de ser de uso diário e sobre um fenômeno em princípio simples, envolve uma série de contradições e ambiguidades, usos justapostos, diferentes palavras em diferentes idiomas e culturas gerais e acadêmicas. Vale lembrar, inclusive, que, na Psicologia, lidamos com termos os quais, muitas vezes, são de uso cotidiano da vida social, mas que adquirem uma dimensão epistêmica e prática muito específica na nossa disciplina.

Começando com o uso da língua ocidental mais abrangente, devemos observar que o termo usado em inglês estadunidense e britânico é *behavior* e *behaviour*, respectivamente, sendo este uso unívoco, apenas com uma diferença na escrita. Por outro lado, nas chamadas línguas neolatinas, encontramos mais de um termo que se refere ao mesmo fenômeno. Assim, por exemplo, em português, francês e espanhol encontramos os termos *comportamento* e *conduta*, que, muitas vezes, são usados de forma intercambiável para se referir aos mesmos fenômenos. No entanto, em alguns casos, por força do hábito, um vocábulo é usado mais do que outro para ambientes diversos, diários ou profissionais, e países ou regiões diferentes. Por isso, nas produções brasileiras e francesas, no discurso acadêmico da Psicologia, o uso do termo *comportamento* é mais comum, enquanto, em espanhol, podemos encontrar um ou outro, usado indistintamente, apesar de certos esforços de alguns especialistas para sugerir algum uso mais unívoco (Polanco, 2016).

Quanto ao seu uso específico, em nosso campo, encontramos, no *Thesaurus of Psychological Index Terms* (Tuyela, 2007), a seguinte definição: “Termo conceitualmente amplo referente a qualquer ou todos os aspectos do comportamento humano ou animal” (p. 34, trad. nossa). Portanto, solicita-se que a busca utilize os termos mais específicos possíveis, desde substantivos simples, como em *comportamento anti-social*, até categorias substantivas próprias, como em *Terapia de Comportamento*. Finalmente, no dicionário de uma das mais prestigiadas associações anglo-saxônicas, a *American Psychological Association* (APA), encontramos a seguinte definição de comportamento:

comportamento n. 1. atividades de um organismo em resposta a estímulos externos ou internos, incluindo atividades objetivamente observáveis, atividades introspectivamente observáveis (ver comportamento encoberto), e processos não conscientes. 2. mais restritivamente, qualquer ação ou função que possa ser objetivamente observada ou medida em resposta a estímulos controlados. Historicamente, os behavioristas contrastavam comportamento objetivo com atividades mentais, que eram consideradas subjetivas e, portanto, impróprias para o estudo científico. Ver behaviorism.-behavioral adj. (VandenBos, 2015, p. 112, trad. nossa)

Qual é a história das ideias sobre o comportamento e das instituições, antes do Behaviorismo?

Em relação à própria história do uso desse termo ao longo do tempo, Williams (2003) assinala que o uso moderno foi introduzido na língua inglesa, no século XV, como forma de qualificação do “verbo have [ter] sich behaben, em alemão e especialmente no sentido reflexivo de ‘ter que se comportar’” (p. 71, trad. nossa). Assim, ele se destaca no uso diário como sinônimo de boas maneiras, sendo usado, coloquialmente, como forma de se comportar bem ou mal, muito comum também nas línguas neolatinas. Para esse autor, seu uso científico remonta ao século XVII, mas só se torna comum no século XX, como ele aponta:

A transferência crucial parece ocorrer nas descrições dos objetos materiais, com uma notória idéia de observação que provavelmente está relacionada ao principal sentido de comportamento público observável anterior. Assim: “para observar [...] o comportamento da água drenando um banco de lama suave” (Huxley, 1878). Todavia, o termo foi usado, igualmente, em relação a plantas, organismos inferiores e animais. No final do século 19, foi, em geral, empregado em seu sentido ainda válido de “a atividade externamente evidente de todo um organismo”. (p. 72, trad. nossa)

Especificamente, no campo psicológico, Danziger (1997) diz que o estudo da categoria “comportamento” nos permite uma análise mais profunda e mais abrangente de nossa própria disciplina. Considerando as contribuições desse autor, acrescidas de outras fontes fora do contexto norte-americano, podemos dizer que existe um primeiro momento de uso em Psicologia Comparativa, Zoologia e Fisiologia em que o termo comportamento – ou conduta animal – é usado como um objeto de observação do qual se inferiram os processos mentais ou fisiológicos que foram os objetos de pesquisa, na área. Isso pode ser observado nas publicações do final do século XIX e início do século XX, por autores como Lloyd Morgan, H. S. Jennings, V. Bechterev e I. Pavlov, sobre o comportamento de animais, organismos inferiores e plantas.

Vale lembrar que, naquele período, havia um interesse no contexto social e institucional estadunidense para tornar objetivo o estudo do ser humano. Assim, por exemplo, entre 1870 e 1920, houve um processo de transformação no qual podemos encontrar uma série de tradições e lutas acadêmicas, em que as raízes históricas e culturais do comportamentalismo foram estabelecidas (O'Donnell, 1985). Por um lado, deparamo-nos com um contexto que exigia soluções rápidas e científicas para os problemas da sociedade; por isso a Frenologia foi uma das

principais fontes no estabelecimento de um paradigma tecno-social para a Psicologia e para as ideias de modificação de comportamento. Por outro, destaca-se a aliança entre visões comparativas e aplicadas da Psicologia, a partir da experimentação e da retórica da ciência pura. Esses aspectos ajudaram a justificar a penetração do psicólogo em, praticamente, todos os aspectos da vida moderna estadunidense. Inclusive, suas possíveis aplicações justificariam a obtenção de investimentos para os laboratórios, já que este implicava em um grande custo de manutenção em recursos materiais e humanos. Nesse contexto, foi estabelecido um processo de relações acadêmicas e intelectuais da primeira geração de psicólogos estadunidenses, entre os quais encontramos William James, George T. Ladd, G. Stanley Hall, Edward Wheeler Scripture, entre outros. Tais personagens, de uma forma ou de outra, contribuíram para a dinâmica refletida na retórica laboratório-ciência-sociedade, juntamente com reformadores da universidade daquele país, e.g., Daniel Coit Gilman e Charles W. Eliot. Assim, sob o discurso da ciência pura, criava-se o espaço necessário para o desenvolvimento da pesquisa com relativa independência dos preceitos morais e religiosos da época (O'Donnell, 1985).

Da mesma forma, essas discussões podem ser encontradas no campo dos estudos humanos, na Europa Ocidental. O antigo dualismo filosófico de Descartes, entre o mental e o físico, mais tarde representado, interna e externamente, no sentido kantiano, foi constantemente refletido nas caracterizações do objetivo e do subjetivo. Assim, muitas vezes, o mental, o interno, foi identificado com o subjetivo, enquanto o objetivo foi identificado com o físico e o externo. É por isso que, já no início do século XX, Bechterev (1904/1906b) tentou criar uma Psicologia objetiva que lhe permitisse superar os problemas da experimentação com os chamados registros introspectivos. Nessa direção, ele definiu a atividade neuropsíquica como o objeto de sua Psicologia e o método de registro de suas consequências objetivas, como segue:

Toda a direção da atividade neuropsíquica é apenas a consequência direta da excitação externa sobre tal ou tal órgão dos sentidos que produz reflexos cada vez mais complicados, desenvolvidos nos centros nervosos, e que por sua vez são traduzidos por fenômenos objetivos na forma de contrações musculares ou secreções glandulares, como qualquer reflexo . . . Podemos concluir que não existe um único processo psíquico consciente ou inconsciente que não seja acompanhado por modificações objetivas do tecido cerebral. (Bechterev, 1904/1906b, pp. 391-393, trad. nossa)

É neste contexto que alguns caminhos de estudo comportamental começarão a ser estabelecidos, seja por meio da observação de campo que, finalmente, levará à Etologia, seja a partir da pesquisa laboratorial que levará à Psicologia Experimental e Comparativa, em geral, e à Psicologia Comportamental, em particular.

Entre o comportamento dentro da Psicologia geral e o comportamento como um objeto central da Psicologia

Na história da Psicologia, é controverso o estabelecimento de um “ponto de partida” ou de nascimento, de uma escola ou modelo psicológico. No caso do behaviorismo, isso não é exceção. No entanto, é claro que houve um processo dentro da Psicologia em que se consolidou o uso do termo comportamento como uma categoria psicológica, nas primeiras décadas do século XX (Danziger, 1997; Polanco, 2016). Nessa direção, encontramos várias indicações ao comportamento como parte central no interesse da Psicologia Geral, a partir de variados autores. Cite-se, como exemplo, no contexto anglo-saxônico: *Psychology: The study of behavior* de William McDougall (1912) e *The fundamental laws of Human Behavior* de Max Meyer (1911).

Outros exemplos advêm do mundo francófono, em que a ideia de comportamento também estava começando a ser introduzida. Como aponta Georgiade (1970):

A noção de comportamento hoje goza de uma aceitação geral. Este não era o caso no início de nosso século, quando tanto [Henri] Piéron, por um lado, quanto Pierre Janet, por outro, tiveram que travar uma dura batalha para impor as idéias e os métodos da nova psicologia do comportamento ou da conduta. (p. 162, trad. nossa)

Nesse sentido, entre os primeiros autores a apontar o comportamento como objeto de Psicologia está Piéron, um dos mais prestigiados psicólogos francófonos e um dos principais promotores da institucionalização da Psicologia, em seu país (Miranda, Bandeira-de-Melo, Rota Júnior, & Gutierrez, 2017). Piéron (1908/1931) lembra, no início da década de 1930, sua primeira definição de Psicologia Comportamental, em uma palestra, na *L'École Pratique des Hautes Études*, nos anos 1907-1908, concluindo que sua atitude objetiva e comportamentalista já existia naquela data e que permaneceu fiel a ela, desde então. É assim que o autor se expressa sobre o objeto da Psicologia:

Mas se essas pesquisas não dizem respeito à consciência, o que elas vão dizer, o que ainda não foi estudado pela fisiologia? Eles lidarão com a atividade dos seres e suas relações som-motoras com o meio ambiente, com o que os americanos chamam de Behavior, os alemães das Verhalten, os italianos o comportamento, e com o que temos o direito de chamar de comportamento dos organismos (Piéron, 1908/1931, p. 60, trad. nossa)

Assim, notamos que Pierón coloca a Psicologia no campo biológico, embora ele argumente ser esse um lugar transitório, já que, todos os seus fenômenos serão reduzidos ao determinismo natural que será expresso no campo físico-matemático no futuro.

Pierón (1915), ao fazer uma revisão da tradução francesa de *A Psicologia Objetiva*, com autoria de Bechterev, conclui que os postulados propostos pelo autor russo não eram, de forma alguma, uma contribuição revolucionária. Em sua análise, aqueles postulados foram amplamente defendidos e desenvolvidos por ele próprio, desde 1908. Ademais, ele acrescenta uma crítica, feita a partir da figura de Pavlov, às propostas metodológicas de Bechterev que careceriam de rigor. Além da crítica, o livro seria fundamental para o desenvolvimento técnico do Behaviorismo, como pode ser percebido pelo que Karl Lashley escreveu a Ernst Hilgard, em 1935:

No [outono de] 1914, acho que Watson chamou a atenção de seu seminário para a edição francesa de Bechterev [publicada em 1913] e que no inverno o seminário foi dedicado à tradução e discussão do livro. Na primavera, eu servi como uma espécie de assistente não remunerado e construímos aparelhos e planejamos experimentos juntos. Simplesmente planejamos repetir os experimentos de Bechterev. Trabalhamos com reflexos de abstinência, joeelho, pupila. Watson tomou a iniciativa em tudo isso [...]. Watson viu [o reflexo condicionado] como base para uma psicologia sistemática e não estava muito preocupado com a natureza da reação em si. (citado por Bruce, 1991, p. 311, trad. nossa)

Talvez tenha sido este discurso objetivista e seu método de condicionamento motor que induziu Watson e muitos psicólogos estadunidenses a perceberem, no trabalho de Bechterev e Pavlov, um programa sistemático de Psicologia objetiva e científica baseado na experimentação laboratorial do reflexo condicionado.

Embora Watson (1913) tenha, inicialmente, mostrado a experimentação como base de sua Psicologia Comportamental, no artigo *Psychology as the behaviorist views it*, foi somente em seu artigo de 1916, chamado *The place of the conditioned reflex in Psychology*, que ele explicitou o estudo do condicionamento como a técnica experimental de sua proposta psicológica. A esse respeito, Wozniak (1994) esclarece:

Como uma ciência natural, a psicologia está comprometida com o objetivismo metodológico. Como cientistas, os behavioristas se concentram em métodos objetivos e comportamentais. Embora não fossem de forma alguma os primeiros a enfatizar a metodologia objetiva no estudo da função psicológica, métodos objetivos foram a pedra angular sobre a qual eles esperavam construir sua construção científica. (Wozniak, 1994, 17p., trad. nossa)

Na mesma direção, Parot (2001) aponta:

A necessidade de uma psicologia objetiva e mais científica foi expressa em vários países: V. Bechterev na Rússia, H. Piéron na França e J. B. Watson nos EUA exigiram uma “nova psicologia”, intimamente relacionada à fisiologia. Seu sucesso dependia do contexto histórico, religioso e científico de cada país. (p. 1131, trad. nossa)

Assim, entre as dimensões gerais de uma Psicologia científica e nas discussões sobre o objetivismo, o comportamento emergia como o objeto preferido das propostas de uma Psicologia científica e natural.

Conformação e consolidação de uma Psicologia do comportamento

Entre o segundo e o terceiro quartil do século XX, podemos localizar a conformação e a consolidação de uma Psicologia Comportamental, seja ela proposta como uma abordagem ou sistema psicológico, i.e., como uma estrutura teórica e metodológica geral, que define a Psicologia como uma ciência do comportamento que resolveria uma série de problemáticas da realidade, ou como uma escola psicológica - parte de uma estrutura acadêmica, societária ou institucional identificável como comportamentalista (Bunge & Ardila, 1988/2002; Keller, 1975; Krantz 1972).

Fazendo uma descrição do desenvolvimento, nos três países antes mencionados – EUA, França e Rússia, podemos indicar que Bechterev tinha uma visão molar do comportamento³. Suas investigações foram baseadas no método de condicionamento motor, criado por ele. No entanto, para o desenvolvimento de seu modelo teórico, ele utilizou dados provenientes de todo tipo de metodologia experimental (Bechterev, 1906a, 1906b, 1912/1953, 1928/1932; Vega, 1993; Watson, 1916). No caso de Pavlov, a pesquisa foi feita com animais não-humanos, a partir de experimentos de reflexo glandular, particularmente o reflexo salivar (Frolov, 1937, 1965; Pavlov, 1906, 1927; Vega, 1993; Watson, 1916; Yerkes & Morgulis, 1909). Isso facilitou a posição acadêmica e política de Pavlov, uma vez que suas pesquisas e desenvolvimentos teóricos originaram-se de um campo constituído como Fisiologia, altamente valorizada pela revolução russa. Bechterev, por outro lado, foi identificado como psicólogo e seu método de condicionamento motor

³ A visão molecular e molar tem sido oposta muitas vezes na história da psicologia comportamental. O primeiro termo corresponde àqueles autores que enfatizaram que a psicologia deve descrever o comportamento como uma simples conexão entre estímulo-resposta, expressa em termos físicos e fisiológicos. A segunda definição é associada àqueles que apontaram que, apesar da correspondência subjacente com estes fenômenos, a verdade é que o comportamento tem certas propriedades emergentes próprias que o marcam como totalidades molares (cf. Tolman, 1932/2001).

estava mais próximo do objeto da Psicologia, um campo acadêmico amplamente crítico e problemático, tanto durante o estado czarista quanto na Rússia comunista. Essa circunstância levaria inclusive à morte de Bechtereve, após um revés político com o regime estalinista⁴ (Parot, 2001; Polanco, 2010, Vega, 1993).

Os fatos contextuais políticos e ideológicos fariam com que os desenvolvimentos da Psicologia Comportamental russa fossem marcados pelos altos e baixos e releituras da Psicologia, à luz da doutrina marxista-leninista. Especificamente, em 1929, dois anos após o assassinato de Bechtereve, um grupo de influentes reflexologistas, reunidos no Instituto Psiconeurológico de Leningrado, decidiu abandonar essa abordagem. Apesar dos esforços teóricos de Bechtereve, considerou-se impossível conseguir uma adaptação de sua metodologia à doutrina marxista-leninista, em razão de seu reducionismo mecanicista. Como consequência, sua proposta foi substituída pela Psicologia reatológica de Konstantin Kornilov, que mudou o foco da ciência natural, representada na ideia de reflexo, para a ciência social, em que a reação tem um alcance ideológico com significado social. Portanto:

O reatologista preocupou-se em medir a velocidade, força e forma do curso de uma reação e a descoberta hierárquica de reações (naturais, musculares, sensoriais, de escolha, etc.), com a ajuda de métodos dinamométricos, cronométricos, gráfico-motores, etc. O objetivo final destes estudos era poder controlar as “reações” a partir da educação e da mudança social (Vega, 1993, p. 103, trad. nossa).

Os desenvolvimentos pavlovianos que até então haviam permanecido dentro do campo fisiológico, a partir da década de 1940 ganharam um lugar na Psicologia. Em 1950, esse processo culminou na Sessão Conjunta da Academia de Ciências da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), composta por mais de 1200 cientistas e acadêmicos, incluindo filósofos, fisiologistas, psicólogos, médicos, entre outros. Nela, decidiu-se fazer uma virada pavloviana, fato que afetaria a Psicologia, além de outras disciplinas. Essa “pavlovianização” da Psicologia soviética, sob o forte impulso do apoio do regime estalinista, avançou numa maior e melhor aplicação dos métodos experimentais do reflexo condicionado, representado, principalmente, no campo do condicionamento, denominado interoceptivo. Entre esses pesquisadores, encontramos G. A. Ivanóv-Solololénsky, K. M. Bikov, P. K. Anojin, E. A. Asratyán, entre outros (Vega, 1993).

Na França, o estudo do desenvolvimento e da influência da Psicologia Comportamental tem sido alvo de debates historiográficos contemporâneos (Amouroux,

⁴ Bechtereve, foi um dos psiquiatras mais conhecidos na Rússia, e apesar de seu status revolucionário, pereceu por causa de sua conhecida espontaneidade. Segundo Vega (1993), quando diagnosticou Stalin como um enfermo paranoico, ele foi envenenado, vítima das purgas russas da época.

2017; Amouroux & Zaslowski, 2019). Por um lado, encontramos autores que destacam o desenvolvimento prematuro do comportamentalismo, no país, por Henri Piéron (Dagfal, 2002; Fraisse, 1970; Miranda, Bandeira-de-Melo, Rota Júnior, & Gutierrez, 2017). Por outro, encontramos aqueles que apontam o isolamento da proposta de Piéron e a falta de desenvolvimento da Psicologia Comportamental, principalmente devido às pressões provenientes da Medicina e da Filosofia, campos de grande poder acadêmico, que determinaram o desenvolvimento da Psicologia, na França (Littman, 1971; Parot, 1995; Richelle, Freixa i Baqué, Lambert & Pomini, 2006). Assim, apesar das controvérsias acerca do desenvolvimento de uma Psicologia Comportamental francesa e o fato de ela ter sido moldada – ou não – como uma escola psicológica, em nossa definição de behaviorismo, a proposta de Pierón ali se encontraria. Dentro de suas particularidades, encontramos o reducionismo fisiológico, o uso do estudo das percepções, sensações e diversos aspectos da Psicologia experimental clássica para construir os aspectos positivos da construção desta Psicologia objetiva e sua posição complexa e epistemologicamente dualista de comportamento (Dagfal, 2002; Galifret, 1989; Parot, 1995).

Além de Pierón, há as articulações teóricas de Pierre Janet, para quem o conceito de comportamento se baseia na concepção de uma ação unificadora (Janet, 1938). Nessa direção, o comportamento estaria relacionado aos aspectos do que se conhece como processos psicológicos superiores ou causalidades transcendentes, e.g., inteligência, pensamento, adaptação, inconsciente, entre outros. Nesse sentido, Janet se refere à ideia de que não haveria diferença entre a ação dos processos superiores, como o pensamento, e o responder observável externamente (Carroy, Ohayon & Plas, 2006). Ademais, desde a década de 1950, encontramos autores francófonos que produziram escritos e revisões críticas do behaviorismo russo e estadunidense. Exemplificando: no conjunto, vemos nomes como Henri Wallon, André Tilquin e Pierre Naville. Também encontramos, na França, desenvolvimentos no campo da psicofarmacologia, da psicofisiologia e do estudo de crianças pequenas. Entre seus pesquisadores mais proeminentes estão Francoise Le Ny, Francoise Macar e Viviane Pouthas.

Nos EUA, em um contexto social e institucional marcado pelas Ciências Sociais, que tinham o comportamento como objeto de estudo, o behaviorismo de língua inglesa floresceu e se diversificou, profundamente, desde o final da década de 1910 (Mills, 1998). Vale lembrar que, no contexto estadunidense, a ciência tinha um caráter pragmático, ancorada em um horizonte sociocultural que exigia seus resultados práticos. Entre as diferentes modalidades de behaviorismo que ali se desenvolveram, podemos citar: (a) a proposta de John Watson, (b) o interbehaviorismo de Jacob Kantor, (c) a antroponomia de Walter Hunter, (d) o comportamento biossocial de Albert Weiss, (e) os comportamentos proposicionais de William McDougall, Edward Tolman e Howard Rachlin, (f) o comporta-

lismo hipotético-dedutivo de Clark Hull, (g) a análise experimental do comportamento de B. F. Skinner, (h) o behaviorismo empírico de Sidney Bijou, (i) o behaviorismo biológico de William Timberlake, (j) o contextualismo funcional de Steven Hayes e (k) o comportamentalismo psicológico de Arthur Staats (Bélangier, 1978/1999; O'Donohue & Kitchener, 1998; O'Neill, 1995; Pérez-Acosta, Guerrero, & López, 2002; Pérez-Álvarez, 1999; Polanco, 2010). Cada uma destas propostas tem caracterizações próprias que, em alguma medida, respondem a alguns debates gerais, por exemplo: se elas têm considerado o comportamento de forma molar ou molecular; se seus estudos têm sido baseados em propostas respondentes ou operantes; quais variáveis serão consideradas as mais relevantes; se as propostas se importam, ou não, com a explicação do processo de resposta do organismo, etc.

Essa complexidade alcançada se deveu, também, à notável consolidação econômica, tecnológica e sociocultural dos EUA, que provocou um amplo financiamento econômico, público e privado, de múltiplos centros de pesquisa e treinamento em todo o país e que respondeu ao interesse de prever e controlar o comportamento como resultado de seu desenvolvimento (Mills, 1998).

A expansão do behaviorismo

Embora existam precedentes isolados, em períodos anteriores à década de 1950, a expansão do behaviorismo remonta ao contexto global da Guerra Fria, i.e., ao período de tensão entre o Bloco Oriental, atrelado à URSS e o Bloco Ocidental, capitaneado pelos EUA. Neste cenário, nos vários relatos de recepção e circulação da Psicologia, encontramos a menção de modelos reflexológicos e de Psicologia objetiva russa, principalmente pela Psiquiatria e por intelectuais próximos aos partidos comunistas. Por outro lado, encontram-se menções de modelos behavioristas estadunidenses. Na Europa, por exemplo, encontramos os casos de recepção e circulação de modelos reflexológicos e comportamentais na Itália, França e Bélgica.

Nos dois primeiros países, aproximadamente entre 1950 e 1970, foram recebidos estudos pavlovianos e modelos experimentais, bem como suas implicações no tratamento de problemas de atividade nervosa, inclusive desenvolvendo pesquisas de laboratório, como os exemplos de LeNy, na França e Gastone Canziani, na Itália (Moderato & Presti, 2006). Na Itália, houve processos múltiplos de recepção e circulação do behaviorismo, em que se destaca um processo pioneiro com a chegada do brasileiro Isaías Pessotti. Este pesquisador havia trabalhado junto a Fred Keller quando de suas visitas, ao Brasil, no início da década de 1960 (Guedes et al., 2006; 2008). Pessotti mudou-se para o Instituto de Psicologia dirigido por Marcello Cesa-Bianchi, da *Università degli Studi di Milano*, onde realizou as

primeiras experiências sobre condicionamento operante. Posteriormente, traduções e produções locais de análise experimental do comportamento foram realizadas, articulando outras parcelas de recepção do behaviorismo naquele país.

Em solo francófono – França e Bélgica –, vemos diferentes discussões teóricas e avanços da experimentação em livros gerais de Psicologia, além da descrição de detalhes dos resultados de muitas investigações soviéticas, e.g., o *Nouveau Traité de Psychologie* (Dumas & Piéron, 1932/1962). Além disso, encontramos a recepção e circulação do behaviorismo, para além da Psicologia. Um primeiro exemplo é o livro *Le Behaviorisme*, de autoria do filósofo André Tilquin (1942/1950). O autor, sob a direção de Piéron e Guillaumé, realizou uma exaustiva análise teórica e filosófica, abrangendo as origens da Psicologia Comportamental estadunidense, passando pelas teorizações de Watson, Kuo, Meyer, Hull, Tolman e Kantor, entre outros pesquisadores comportamentais (Tonneau, 2006). Outro exemplo, originado da Sociologia, é a obra *La psychologie du comportement*, de Pierre Naville (1942/1963), que também fez uma introdução para o público francês sobre as propostas do comportamentalismo de Watson (Freixa i Baqué, 1992). Na Bélgica, desde o final da década de 1950, o behaviorismo tem sido sistematicamente articulado a partir de produções da *Université de Liège* e de Marc Richelle. Nesse país, técnicas de controle operante foram desenvolvidas em relação à farmacologia, desde estudos de regulação temporal do comportamento, até investigações de respostas viscerais em problemas psicossomáticos e variabilidade comportamental como fonte de novos comportamentos e produções criativas (Richelle, 1991; Richelle, Freixa i Baqué, Lambert, & Pomini, 2006; Richelle, Janssen, & Brédart, 1992).

Na América Latina, também houve a recepção e circulação de abordagens behavioristas. Garcia (2015) nos mostra a apropriação de propostas reflexológicas, na Argentina, onde existiu, inclusive, uma clínica do sono estabelecida de acordo com as propostas de Pavlov. Além disso, houve a circulação de publicações do Pavlovismo, como os livros de Bikov, Frolov e Harry Wells, que colocam o modelo objetivista de Psicologia contra o psicanalítico (Polanco & Miranda, 2014). Ainda na mesma seara, vemos algumas publicações no Brasil, e.g., Introdução à Reflexologia, escrita por Acyldo Nascimento, José Teitelroït, Wilfred Hinds e Fernando Carrazedo (1970), membros do Instituto Brasileiro de Reflexologia.

Além das influências da reflexologia e de Pavlov, notamos a introdução de outras propostas comportamentalistas a partir das figuras de Keller e Bijou que, no Brasil e no México, respectivamente, treinaram vários psicólogos na análise e modificação do comportamento (Ardila, 1986; Ekroth, 1985). No Brasil, alguns nomes têm sido recorrentemente mencionados como promotores locais, tais como Rodolpho Azzi e Carolina Bori que, em variadas universidades, desenvolveram propostas comportamentalistas (Guedes et al., 2006; 2008). No México, primei-

ro na *Universidad Veracruzana* e, depois, na *Universidad Nacional Autónoma de México*, as figuras de Emilio Ribes-Iñesta e Florente López lideraram esse movimento. Na Venezuela, principalmente na *Universidad Simón Bolívar*, destacam-se as figuras de Edmundo Chirinos, Roberto Ruiz, Henry Casalta e Miriam Dembo. Na Colômbia, encontramos a figura principal de Rubén Ardila, que introduziu o movimento na *Universidad Nacional da Colômbia*, na *Universidad de los Andes*, na *Universidad Santo Tomás* e na *Universidad del Norte*. No Chile, na *Universidad de Chile* e na *Universidad Católica de Chile*, Sergio Yulis formou, na década de 1970, um grupo de psicólogos, muitos dos quais tiveram que emigrar, após o golpe de Estado de 1973, por causa de sua participação ativa no governo de Salvador Allende. Finalmente, na Argentina, embora a proposta comportamentalista tenha tido uma recepção primária nos anos 1970, ela foi interrompida pela ditadura militar, após a qual foi possível perceber um desenvolvimento da pesquisa, a partir de uma matriz comparativa, com métodos Hullianos e Skinnerianos. (Ardila, 1986; Colotla & Ribes, 1981; Mustaca, 2003; Polanco, Beria, Klappenbach & Ardila, 2020).

Dessa maneira, em um sentido amplo, pode-se asseverar que, na maioria dos países, primeiro se encontrou uma recepção dos modelos russo e estadunidense, embora, mais tarde, as propostas deste último tenham começado a predominar, principalmente os da Análise Experimental do Comportamento.

Considerações Finais

O objetivo deste capítulo foi abordar conhecimentos históricos sobre o behaviorismo, de maneira cronológica, a fim de integrar acontecimentos, ideias, personagens e instituições que foram parte central de uma Psicologia, como o estudo do comportamento. Esta revisão bibliográfica geral nos indica que o *comportamento* foi conformado como objeto de escrutínio científico, no início do século XX, em diferentes locais, tanto nas Américas quanto na Europa. Grande parte dessa história sinaliza que ele foi modelado como um objeto que permitiria a conformação de uma Psicologia científica, ora denominada Reflexilógica, ora Comportamental. Nessa seara, as propostas behavioristas apareciam como possibilidades de uma Psicologia objetiva, aproximando-a das medidas fisiológicas ou propostas experimentais e comparativas.

Esta compilação histórica sinaliza a necessidade de novos estudos que descrevam e analisem os aspectos do florescimento e da circulação do behaviorismo, ao redor do mundo. Conforme nossas fontes sugeriram, ao longo deste capítulo, apesar de diferentes locais terem produzido e se apropriado de uma Psicologia Comportamental, isso se deu de maneira idiossincrática. Tais particularidades aconteceram não apenas em relação aos condicionantes socioculturais em que

tais países se encontravam, mas a raízes e horizontes epistemológicos, aos quais tal Psicologia respondia. Dessa maneira, uma clara limitação metodológica de nosso estudo – seu enfoque bibliográfico geral, e não um exame historiográfico pormenorizado – pode ser suplantada por tais estudos. Os resultados dessas investigações, por sua vez, podem nos ajudar em uma compreensão mais organizada dos acontecimentos, ideias, personagens e instituições que mencionamos no presente texto.

Referências

- Amouroux, R. (2017). Beyond indifference and aversion: The critical reception and belated acceptance of behavior therapy in France. *History of Psychology*, 20(3), 313-329. <http://dx.doi.org/10.1037/hop0000064>
- Amouroux, R. & Zaslowski, N. (2019). “The damned behaviorist” versus French phenomenologists: Pierre Naville and the French indigenization of Watson’s behaviorism. *History of Psychology*, 23(1), 77-98. <http://dx.doi.org/10.1037/hop0000129>
- Ardila, R. (1986). *La psicología en América Latina: pasado, presente y futuro*. México: Siglo XXI.
- Ardila, R. (2002). *La psicología en el futuro. Los más destacados psicólogos del mundo reflexionan sobre el futuro de su disciplina*. Madrid: Pirámide.
- Bechterev, V. (1904/1906a). La Psychologie objective (1). *Revue Scientifique: revue rose - 5^e série*, 6 (12), 353-357.
- Bechterev, V. (1904/1906b). La Psychologie objective (2). *Revue Scientifique: revue rose - 5^e série*, 6 (13), 390-396.
- Bechterev, V. (1912/1953). *La psicología objetiva*. Buenos Aires: Paidós.
- Bechterev, V. (1928/1932). *General Principles of Human Reflexology*. New York: International Publisher.
- Bélanger, J. (1978/1999). *Imágenes y realidades del conductismo*. Oviedo: Publicaciones de la Universidad de Oviedo.
- Bruce, D. (1991). Integrations of Lashley. En G. Kimble, M. Wertheimer y C. White (Eds.) *Portraits of Pioneers in Psychology* (pp. 307-323). New York e London: Taylor & Francis.
- Bunge, M. & Ardila, R. (1988/2002). *Filosofía de la psicología*. México: Siglo XXI.
- Carroy, J., Ohayon, A., & Plas, R. (2006). *Histoire de la psychologie en France. XIXe-XXe siècles*, Paris: La Découverte.

- Colotla, V. & Ribes, E. (1981). Behavior analysis in Latin America: a historical overview. *Spanish-Language Psychology*, 1, 121-136.
- Dagfal, A. (2002). La naissance d'une 'conduite à la française': de Ribot à Janet. *L'Évolution psychiatrique*, 67 (3), 591-600.
- Danziger, K. (1997). *Naming the mind: How psychology found its language*. London: Sage.
- Dumas, G. & Piéron, H. (1932/1962). La Excitación y el Movimiento. Em G. Dumas (Ed.) *Nuevo Tratado de Psicología* (pp. 5-66). Buenos Aires: Kapelusz.
- Ekroth, G. (1985). El papel de la Asociación Latinoamericana de Análisis y Modificación del Comportamiento (ALAMOC) en el desarrollo de la Terapia del Comportamiento en Latinoamérica. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 17 (3), 397-400.
- Flores, C., & Mateos, R. (Orgs.). (2019). *Recuento histórico del análisis de la conducta*. Ciudad de México, México: Universidad de Guadalajara.
- Fraisse, P. (1970) French origin of the psychology of behavior: the contribution of Henri Piéron. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 6(2), 111-119. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(197004\)6:2<111::AID-JHBS2300060202>3.0.CO;2-Y](https://doi.org/10.1002/1520-6696(197004)6:2<111::AID-JHBS2300060202>3.0.CO;2-Y)
- Freixa i Baqué, E. (1992). El conductismo en Francia: la figura de Pierre Naville. *Psicothema*, 4(2), 593-606.
- Frolov, Y. (1937). *Pavlov and his school. The Theory of Conditioned Reflex*. New York: Oxford University Press.
- Frolov, Y. (1965). *La actividad cerebral. Estado actual de la teoría de Pavlov*. Buenos Aires: Editorial Psique.
- Galifret, Y. (1989). Piéron, instaurateur de la psychologie en France. *L'année psychologique*, 89(2), 199-212. <https://doi.org/10.3406/psy.1989.29334>
- García, L. N. (2015). La psiquiatría comunista argentina y las psicoterapias pavlovianas: propuestas y disputas, 1949-1965. *Trashumante. Revista Americana de Historia Social*, 5, 220-243. <https://doi.org/10.17533/udea.trahs.n5a11>
- Georgiade, C. (1970). Eléments cybernétiques dans l'oeuvre d'Henri Piéron. *L'année psychologique*, 70(1), 161-177. <https://doi.org/10.3406/psy.1970.27703>
- Guedes, M. C., Cândido, G. V., Belloti, A. C., Giolo, J. C. C., Vieira, M. C., Matheus, N. M., & Gurgel, T. G. (2008). A introdução da Análise do Comportamento no Brasil: vicissitudes. *Behaviors*, 12, 41-57.
- Guedes, M. C., Queiroz, A. B. M., Campos, A. C. H. F., Fonai, A. C. V., Silva, A. P. O., Sampaio, A. A. S., & Pinto, V. J. C. (2006). Institucionalização da análise do comportamento no Brasil: Uma perspectiva histórica. *Behaviors*, 10, 17-29.

- Janet, P. (1938). Psychologie de la conduite. En *Encyclopédie Française*, tomo VIII, "La vie mentale" (fasc. 8, 11-16). París: Société de Gestion de l'Encyclopédie Française.
- Keller, F. (1975). *La definición de psicología*. México: Trillas.
- Krantz, D. (1972). Schools and systems: the mutual isolation of operant and non-operant psychology as a case study. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 8, 86-102. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(197201\)8:1<86::AID-JHBS2300080104>3.0.CO;2-B](https://doi.org/10.1002/1520-6696(197201)8:1<86::AID-JHBS2300080104>3.0.CO;2-B)
- Littman, R. (1971). Henri Piéron and french psychology: a comment on professor Fraissés' note. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 7(3), 261-268. [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1520-6696\(197107\)7:3%3C261::AID-JHBS2300070304%3E3.0.CO;2-X](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1520-6696(197107)7:3%3C261::AID-JHBS2300070304%3E3.0.CO;2-X)
- Macbeth, G., Cortada de Kohan, N., Razumiejczyk, E. & López Alonso, A. (2006). La investigación científica en psicología: un Desarrollo Histórico. *Revista Psicología y Psicopedagogía*, 5(15).
- Mills, J. A. (1998). *Control: A History of Behavioral Psychology*. New York: New York University Press.
- Miranda, R. L.; Bandeira-de-Melo, C.; Rota Júnior, C.; & Gutierrez, L. (2017). Notas sobre Henri Piéron (1881-1964) e sua biologia do comportamento. Em D. Zílio; & K. Carrara (Orgs.), *Behaviorismos: Reflexões históricas e conceituais*, v.2 (pp. 69-91). São Paulo: Centro Paradigma - Ciências do Comportamento.
- Miranda, R. L.; Massimi, M.; Hoffmann, A.; & Cirino, S. D. (2019). Brain and behavior: On the perspective of Miguel Covian and César Timo-Iaria. *Revista Psicologia e Saúde*, 11(2), 153-170. <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v11i2.787>.
- Moderato, P. & Presti, G. (2006). Behaviourism and the science of behaviour: Its development in Italy. *International Journal of Psychology*, 41(6), 480-485. <https://doi.org/10.1080/00207590500492419>
- Mustaca, A. (2003). Análisis Experimental del comportamiento. En Alarcón, L. Ed., *El legado de Rubén Ardila. Psicología: de la Biología a la Cultura* (pp. 204-216). Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.
- Nascimento, A., Teitelroitz, J., Hinds, W., & Carrazedo, F. (1970). *Introdução a Reflexologia*. Rio de Janeiro: Sinal 2.
- Naville, P. (1942/1963). *La psychologie du comportement*. Paris: Gallimard.
- O'Donohue, W. & Kitchener, R. (1998). Preface. In W. O'Donohue & R. Kitchener (Eds.), *Handbook of behaviorism*. (pp. xix-xxi). San Diego: Academic Press.
- O'Donnell, J. M. (1985). *The origins of Behaviorism: American Psychology, 1870-1920*. New York y London: New York University Press.

- O'Neill, W. (1995). American Behaviorism: A Historical and Critical Analysis. *Theory & Psychology*, 5(2), 285-305. <https://doi.org/10.1177/0959354395052008>
- Parot, F. (1995). Le behaviorisme, une revolution americaine. *Acta comportamentalia*, 3, 8-19.
- Parot, F. (2001) History of Behaviorism. En *International Encyclopedia of the Social & behavioral sciences* (pp 1131-1137). New York: Elsevier sciences.
- Pavlov, I. (1906). The scientific investigation of the psychical faculties or processes in the higher animals. *Science*, 24, 613-619.
- Pavlov, I. (1927). *Conditioned Reflex: an Investigation of the Psychological Activity of the Cerebral Cortex*. New York: Oxford University Press.
- Pérez-Acosta, A., Guerrero F. & López, W. (2002). Siete conductismos contemporáneos: una síntesis verbal y gráfica. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 2(1), 103-113.
- Pérez-Alvarez, M. (1999). Prólogo. En Bélanger, J. (1978/1999). *Imágenes y realidades del conductismo* (pp. 7-12). Oviedo: Publicaciones de la Universidad de Oviedo.
- Piéron, H. (1908/1931). La psychologie comme science biologique du comportement des organismes. *Revue de synthèse (Paris)*, 10, 59-65.
- Piéron, H. (1915). L'attitude objective dans la psychologie moderne. *Scientia*, 1, 119-133.
- Polanco, F. (2010). Enfoques Cronológicos y analíticos de la Historia de la Psicología Conductista. *Psiencia*, 2(1), 47-53.
- Polanco, F. (2016). El concepto de conducta en psicología: Un análisis socio-histórico-cultural. *Interacciones*, 2(1), 43-51.
- Polanco, F. & Miranda, R. (2014). Recepción del conductismo en Argentina y Brasil: un estudio comparativo (1960-1970). *Universitas Psychologica*, 13(5), 2035-2045.
- Polanco, F., Beria, J., Klappenbach, H. & Ardila, R. (2020). El conductismo atravesando América. Un estudio sociobibliométrico de la *Revista Interamericana de Psicología (RIP)* y la *Revista Latinoamericana de Psicología (RLP)* en sus primeras cuatro décadas. *Revista de Historia de la Psicología*, 41(3), 33-50. <https://doi.org/10.5093/rhp2020a13>
- Richelle, M. N. (1991). Behavioral Pharmacology in Continental Europe: a Personal Account of its Origin and Development. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 56, 415-423. <https://doi.org/10.1901/jeab.1991.56-415>
- Richelle, M. N., Freixa i Baqué, E., Lambert, J. L., & Pomini, V. (2006). Experimental analysis of behaviour in the European French-speaking area. *International Journal of Psychology*, 41(000), 1-12. <https://doi.org/10.1080/00207590500492021>

- Richelle, M. N., Janssen, P. & Brédart, S. (1991). Psychology in Belgium. *Annual Review of Psychology*, 43, 505-529. <https://doi.org/10.1146/annurev.ps.43.020192.002445>
- Tilquin, A. (1942/1950). *Le Behaviorisme: Origine et Développement de la Psychologie de Réaction en Amérique*. Deuxième Édition. Paris: J. Vrin.
- Tolman, E. C. (1932/2001). Un conductismo molar. Em F. Llorente; E. Niño; & J. Narciandi (Orgs.), *Lecturas de Historia de la Psicología* (pp. 268-271). Madrid: UNED.
- Tonneau F. (2006). Behaviorism en 1942: A Précis of Tilquin's *Le Behaviorisme: Origine et Développement de la Psychologie De Réaction en Amérique*. *The Behavior Analyst*, 29(1), 33-49. <https://doi.org/10.1007/BF03392116>
- Tuyela, L. G. (2007). *Thesaurus of psychological index terms*. Eleventh Edition. Washington, D. C.: American Psychological Association.
- VandenBos, G. R. (2015). *APA dictionary of psychology*. Second Edition. Washington, D. C.: American Psychological Association.
- Vega, L. (1993). *Historia de la Psicología III. La psicología rusa: reflexología y psicología soviética*. Madrid: Siglo XXI.
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, 20, 158-177. <https://doi.org/10.1037/h0074428>
- Watson, J. B. (1916). The place of the conditioned reflex in Psychology. *Psychological Review*, 23(2), 89-116. <https://doi.org/10.1037/h0070003>
- Williams, R. (2003). *Palabras clave. Un vocabulario de la cultura y la sociedad*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Wozniak, R. H. (1994). Behaviourism: The Early Years. Recuperado de <http://www.brynmawr.edu/psychology/rwozniak/behaviorism.html#2>
- Yerkes, R., & Morgulis, S. (1909). The Method of Pawlow in Animal Psychology. *The Psychological Bulletin*, 6, 257-273. <https://doi.org/10.1037/h0070886>